



# **CAPÍTULO EXTRA**

## O KAMIKAZE

Pouca gente, além dos fãs mais devotos do Aerosmith, já ouviu falar de Marshfield. Foi nessa pequena cidade na costa de Massachusetts que nasceram Steven Tyler, Joey Kramer e Brad Whitford, os componentes da famosa banda de rock. Menos gente ainda ouviu falar da Maratona de Marshfield, uma das provas mais obscuras do calendário americano de corridas. Para se inscrever na minúscula maratona, basta aparecer na largada. E nem é preciso vir com dinheiro no bolso. A prova, realizada sempre no primeiro dia do ano, é gratuita.

Em primeiro de janeiro de 2018, o evento estava especialmente desprestigiado. Fazia todo o sentido. A temperatura havia despencado para 23° C negativos sugerindo, até aos atletas mais empolgados, a sensata decisão de ficar em casa. Apenas três malucos se apresentaram naquela manhã. Um deles era um forasteiro oriental risonho e ligeiramente desengonçado. E foi dar a largada para o japonês

Yuki Kawauchi disparar em ritmo acelerado. Correndo absolutamente sozinho, fechou a metade do percurso em impressionantes 1h10 e acabou a maratona em 2h18min59. Os encapotados locais ficaram sem entender nada. Por que alguém escolheria uma corrida tão deserticamente gelada e sem premiação para caprichar tanto na performance? A felicidade do vencedor (e, claro, novo recordista da prova) tinha algumnexo. Com o resultado, o japonês estava completando sua 76ª maratona sub-2h20, um recorde mundial percebido pela publicação Japan Running News. Sem saber, ele estava também ensaiando para o maior feito de sua vida, que aconteceria 105 dias depois e a apenas 48 quilômetros da pequena Marshfield.

Yuki Kawauchi, 31 anos, é um personagem tão inusitado quanto fascinante. Trata-se de um corredor amador que trabalha 40 horas semanais como inspetor em uma escola secundária ao norte de Tóquio, na província de Saitama. Treina até bastante para um amador (entre 1h30 e 2 horas diárias), mas pouquíssimo se comparado ao pessoal que termina nas primeiras posições das provas. Enquanto um profissional costuma treinar até 300 quilômetros semanais em dois turnos diários, Kawauchi mal passa dos 150 quilômetros percorridos antes de começar sua jornada diária de trabalho na Kuki High School. Kawauchi não tem treinador nem preparador físico. Montou em sua casa uma espécie de academia tabajara de ginástica para levantar peso, pegou uma barra de aço com velhos tênis de corrida colados nas extremidades. O treino de resistência para as pernas é feito com cabos de freio de bicicleta. Ele mesmo prepara seu isotônico misturando água, suco de laranja, suco de limão, sal e mel, receita inventada pelo nutricionista da escola onde trabalha. Mesmo sem as mesmas condições

de treino dos profissionais, o japonês conseguiu resultados impressionantes desde 2009, quando se arriscou em sua primeira maratona. Até o triunfo em Marshfield, foram 32 vitórias em maratonas, sem contar outros seis primeiros lugares em ultramaratonas acima de 50 quilômetros e mais 45 meias maratonas vencidas. Detalhe: ele correu nada menos que 26 maratonas abaixo de 2h12.

Em função do trabalho diário e das limitações para viajar, a grande maioria dessas provas foi disputada no Japão e na Austrália. O sonho de correr em Boston, a mais antiga das maratonas, era antigo. E Kawauchi planejou tudo para que acontecesse no inverno de 2018. O primeiro passo foi fazer uma espécie de reconhecimento do percurso. Na virada do ano, desembarcou em Boston e treinou duas vezes nos quilômetros finais da prova. O japonês sabia que o sobe e desce das últimas colinas poderia ser a sua desgraça ou seu trunfo no dia da corrida. Queria saber exatamente qual era o tamanho da encrência, onde era preciso respeitar, onde era possível atacar. Depois dos testes, encarou a Maratona de Marshfield antes de voltar para o batente em sua escola em Saitama. Conheceu a inclinação do percurso, experimentara o frio intenso da região a ponto de quase congelar as orelhas, estava pronto para o desafio. Duro foi esperar o 16 de abril chegar.

Ansioso, Kawauchi passou o tempo até a Maratona de Boston fazendo aquilo que mais gosta: competindo, e para valer, como se não houvesse amanhã. Entre a vitória em Marshfield e o dia de largar em Boston, o japonês venceu três meias maratonas, chegou na frente nas maratonas de Fukuoka e Taiwan, disputou mais uma penca de provas entre 5 e 15 km. De quebra, ainda cravou 1h10 numa meia maratona em Saitama correndo o tempo todo com uma

fantasia de panda. Dois anos antes, tinha vencido a mesma prova com 1h06, só que trajando um terno, como se fosse um executivo apressado. Perguntado sobre o motivo da farra, disse que a corrida precisa ter também um espaço para o entretenimento.

O bom humor do japonês aumentou quando desembarcou três dias antes da Maratona de Boston. O clima estava miseravelmente ruim e a meteorologia previa que iria piorar. Enquanto a quase totalidade dos 30 mil participantes da 122ª Maratona de Boston amaldiçoava a previsão do tempo, Kawauchi celebrava. Para ele, quanto pior melhor. Quanto mais lenta fosse a prova, mais chance ele teria de chegar entre os dez primeiros. A concorrência era dura. Apesar do impressionante currículo, o japonês iria largar com profissionais muito acostumados a completar maratonas bem abaixo de 2h10. Apenas duas vezes, e no já longínquo 2013, Kawauchi terminou abaixo de 2h09. Na largada de 2018, estavam alinhados dez atletas mais rápidos do que ele, profissionais que normalmente completam provas entre 2h04 e 2h07. A piora do clima tornaria a corrida necessariamente mais lenta, com vantagem para os corredores mais resistentes, justamente o seu caso.

E como piorou. Nas 121 edições anteriores de Boston, muitas vezes a temperatura diminuiu ou aumentou demais. Em outras ocasiões, foi a neve ou o vento, complicando a vida de todos. Em 2018, porém, eram muitos fatores negativos reunidos numa mesma prova. Para começar, a previsão de chuva, muita chuva. No fim de semana da maratona, não parou de chover. A umidade do ar se encaminhava para perto dos 100%. Em outras palavras, os atletas iriam correr quase respirando água. A performance de profissionais e amadores despenca nessa situação. A baixa temperatura,

algo perto do zero grau centígrado, parecia ser o menor dos problemas. Só que a sensação térmica, essa sim, seria especialmente malvada em função da chuva e das roupas molhadas. E, claro, havia o vento. Rajadas de até 50 quilômetros por hora soprando na direção contrária dos corredores. Boston 2018 tinha tudo para ser uma das maratonas mais lentas da história. Chance razoável para algum aventureiro tentar surpreender os etíopes e quenianos favoritos.

Ainda assim, ninguém esperava que Kawauchi pudesse brigar pela vitória. Em Hopkinton, esperando pela largada, estavam Geoffrey Kirui, do Quênia, campeão de Boston em 2017, e o americano Galen Rupp, medalha de bronze olímpica de 2016 e vencedor da Maratona de Chicago 2017. Estavam alinhados também os etíopes Lelisa Desisa, Tamirat Tola e Lemi Berhanu, todos os três com tempos na faixa de 2h04. Além de Kirui, o Quênia contava ainda com os rapidíssimos Wilson Chebet, Evans Chebet e Nobert Kigen.

Mesmo nas maratonas mais geladas do mundo, corredores profissionais costumam descartar seus agasalhos minutos antes do sinal sonoro da largada. Por duas razões: para evitar o “superaquecimento do motor”, atrapalhando a troca de suor com o ambiente, e para não perder performance com o arrasto aerodinâmico. Pode parecer um exagero, mas no altíssimo nível qualquer detalhe pode fazer toda a diferença nos 42 quilômetros a percorrer. Para a surpresa dos comentaristas na televisão, a prova estava por começar e a maioria seguia com seus agasalhos. Ninguém estava disposto a descartar nada. Corta-ventos, gorros, manguitos, luvas. A elite queria largar aquecida e seguir com as roupas ao menos nos primeiros quilômetros. O medo da hipotermia era maior do que o risco de perda de performance. A organização chegou a fornecer cópias

dos números de peito para os atletas de elite. Assim eles poderiam afixar a identificação nas camisetas e também nos agasalhos que seriam descartados durante a prova.

Exatamente às 8h32 do dia 16 de abril foi dada a largada feminina com muita chuva. O favoritismo, como em todos os últimos anos, era quase todo africano. Na frente, tirando de frio, estavam as vencedoras de Boston em 2015 e 2017, as quenianas Caroline Rotich e Edna Kiplagat. Mas as etíopes Buzunesh Deba, Mamito Daska e Mergia Aselefech, as três com recordes pessoais na faixa de 2h20, vinham com boas chances de vitória. Os americanos tinham uma única bala na agulha para torcer no feminino: Shalane Flanagan, vencedora da Maratona de Nova York no ano anterior. Há 33 anos uma americana não ganhava Boston. E o pelotão largou de forma conservadora, todas muito juntas, como se quisessem se proteger do frio e do vento.

Meia hora depois, a largada masculina. No meio de africanos bem mais encapotados do que de costume, Kawauchi destoava pelo traje leve. Vestia sua camisetinha de sempre, shorts, boné e óculos de sol, quase uma ironia em dia tão carregado. A única e singela concessão ao frio eram os manguitos nos braços. De resto, parecia que o japonês partiria para um trote em Copacabana sob o sol do meio dia. Estava gelado, não parava de chover, as roupas estavam encharcadas, mas nada semelhante aos selvagens 26 graus negativos da Maratona de Marshfield três meses antes. E ali a performance não foi abalada, tanto que o japonês conseguiu cravar no primeiro dia de 2018 mais um sub-2h20 para a sua coleção.

Cheio de confiança, Kawauchi começou em ritmo kamikaze. Ele correu a primeira milha em alucinantes 4 minutos e 37 segundos, o que daria um ritmo de 2min52 por

quilômetro. Os primeiros cinco quilômetros do percurso são mesmo em descida, é possível acelerar, só não é sensato fazer isso tão cedo. A conta a pagar mais para frente costuma ser alta. Muitas das quebras musculares em Boston acontecem pelo excesso de ímpeto nas descidas iniciais.

Mas o japonês não estava nem um pouco disposto a fazer o convencional. Arrancou, liderou nos primeiros quilômetros e depois baixou seu ritmo até ser alcançado pelo pelotão. De quando em quando, tentava tirar os favoritos da zona de conforto com arrancadas estratégicas. Rupp, o medalhista olímpico de bronze, corria com uma bandana no rosto como se fosse um bandoleiro que roubava diligências no velho oeste. Na verdade, estava em crise asmática, fora a hipotermia. Foi um dos primeiros favoritos a abandonar a prova.

Shalane Flanagan, a maior esperança americana no feminino, também sentia o frio e perdia terreno para as africanas. Estava correndo ao lado da veterana amiga Desiree Linden, de 34 anos, que se comprometera a correr com ela “até onde desse”. Linden, uma californiana apaixonada pela Maratona de Boston a ponto de ter batizado seu golden retriever de “Boston”. Já havia feito outras cinco vezes a maratona, pretendia dar o seu melhor, mas sabia que completar bem a prova já seria o bastante em um dia tão inóspito. E dar uma força a uma compatriota com chances reais de vitória era a missão do momento.

No quilômetro 17, Flanagan precisou fazer um pit stop de 45 segundos no banheiro químico. Na elite, tal ato significa quase uma desistência. Recuperar esses preciosos segundos costuma ser praticamente impossível. Linden decidiu esperar pela amiga. No final das contas, a gentileza se resultaria inútil, já que uma desgastada Flanagan

precisou reduzir o ritmo e desistir da ideia de vitória. Nesse momento, sugeriu que Linden tentasse alcançar o pelotão da frente para tentar uma classificação melhor.

E Desiree Linden, razoavelmente confortável em seu corta-vento, estava bem na prova, correndo até com alguma facilidade. Na altura do quilômetro 22, avistou o segundo pelotão feminino, onde estava a americana Molly Huddle. De novo, colocou numa compatriota para tentarem juntas acelerar e quem sabe encostar perto da etíope Mamito Daska, que liderava a corrida com uma folga de 30 segundos. Huddle tentou ir com Linden, mas, como ela explicou em uma entrevista após a corrida, estava paralisada pelo frio e “simplesmente não conseguia se mexer”. Linden, por outro lado, seguia se movendo muito bem.

Na prova masculina, seguia o festival das desistências. Depois do americano Rupp, os campeões Lelisa Desisa e Lemi Berhanu largariam a maratona como outros 23 integrantes do pelotão de elite. Não se tem notícias de tantas desistências na história das majors, o grupo das seis maiores maratonas do mundo. O vencedor de 2017, Geoffrey Kirui, aproveitou o ritmo lento do pelotão para acelerar e tentar resolver a corrida muito cedo, já a partir do quilômetro 25, nas colinas de Newton. Partiu para o ataque e deixou todo mundo para trás. No quilômetro 35, já tinha aberto mais de um minuto e meio para o segundo pelotão, no qual Kawauchi lutava ferozmente para assegurar um inacreditável pódio de um amador em uma das provas mais cobiçadas no mundo da corrida.

O frio seguia intenso, com uma sensação térmica abaixo de zero, o vento soprava inclemente. A chuva continuava tão forte e persistente que o tradicional jogo de beisebol do Red Sox, que ocorre em todo o dia do Patriota

em Boston, foi adiado pela primeira vez desde 1984. Sem se dar conta, Desiree Linden estava se aproximando da líder da prova, Mamito Dasko. Não que a americana estivesse acelerando, era a etíope que entrava em colapso pela hipotermia. Sem condições até de trotar, Dasko desistiu da prova e foi atendida pelos paramédicos. A Maratona de Boston ganhava uma líder improvável que não dava sinais de fadiga. Linden foi abrindo vantagem até cruzar a linha de chegada em 2h39min54, com quase cinco minutos de vantagem sobre a segunda colocada. E aí, mais surpresas: nenhuma etíope ou queniana profissional seguia na prova tentando o pódio. Sarah Sellers, uma anestesista do Arizona que teve que pagar sua própria taxa de inscrição, estava na segunda posição. Na terceira colocação, a canadense Krista Duchene, 41 anos, mãe de três filhos. Sellers e Duchene ganharam 75 e 45 mil dólares, respectivamente. Nada mal para duas amadoras que viajaram para Boston pensando em apenas terminar bem a maratona.

No masculino o furacão amador também soprava forte. O inspetor escolar Kawauchi assumira de vez o segundo lugar e se encaminhava para o pódio. Mas então, de repente, o líder Kirui foi abraçado por um metafórico urso na altura do quilômetro 39. Correndo todo o tempo com um corta-vento que fazia um efeito paraquedas com o vento contrário, o queniano parecia esgotado. Reduziu o ritmo e, mesmo assim, não recobrava as energias. Foi avistado pelo japonês, que usou o pouco combustível que tinha para encostar no queniano. Quando conseguiu ultrapassar, faltava apenas 1,5 quilômetro para a chegada. O queniano não tinha a menor condição de lutar pela vitória. Poderia, no máximo, tentar garantir a segunda posição, já que o americano Shadrack Biwott não vinha tão longe. Yuki

Kawauchi cruzou a linha de chegada com 2h15min58, ergueu os braços e balbuciou algo sem acreditar no que estava acontecendo. Kirui chegou bem mais para trás com 2h18min23, apenas 12 segundos à frente de Biwott.

Boston 2018 deu um nó em todos que estudam os rumos do esporte. Justamente no momento em que o ultraprofissionalismo parece reinar na elite, um bando de amadores veio debochar do sistema. Tanto no masculino como no feminino, o amadorismo venceu. Entre as mulheres, duas das três primeiras não eram profissionais. No masculino, um japonês com treinos malucos e dedicação parcial ao esporte atropelou a elite. De uma certa forma, todos os amadores que correm mundo afora se sentiram representados pelos grandes vencedores de Boston.

Logo após a corrida, Linden, Kawauchi e os companheiros de pódio foram à festa oficial no restaurante Red Lantern, em Boston. Kawauchi dançava animado. De repente, parou e se deu conta de algo. Precisando de um lugar mais silencioso, foi ao banheiro e telefonou para o diretor da Kuki High School. A coletiva de imprensa dos vencedores só aconteceria no dia seguinte, exigindo uma mudança de seu voo para o Japão. “Desculpe, chefe, mas ganhei a Maratona de Boston. Seria possível ter outro dia de folga?” Kawauchi fez a pergunta que todo amador sonharia um dia fazer. E o diretor da escola respondeu exatamente o “sim” que todos nós gostaríamos de ouvir.

